

Governo quer aumentar número de médicos formados no país e melhorar distribuição regional

28/05/12 - O governo federal estuda meios de aumentar a quantidade de médicos disponíveis para a população, incrementando o número de profissionais formados nas universidades brasileiras. De acordo com o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a meta é aumentar em 4 mil vagas a capacidade do sistema de ensino até 2020. (dois anos antes do Brasil completar 200 anos de Independência).

[Siga a SECTI-AM no Twitter!](#)

Conforme o estudo Demografia Médica no Brasil, publicado em dezembro do ano passado pelo Conselho Federal de Medicina, há 1,95 médico por mil habitantes no Brasil. A proporção é inferior à de países com economia menor do que a brasileira como Cuba (6,39), a Grécia (6,04), Portugal (3,76), a Argentina (3,16) e o México (2,89). “Por sermos a sexta economia do mundo, pelo nosso PIB [Produto Interno Bruto] per capita há um déficit de médicos”, admitiu Mercadante.

O ministro calcula que, para chegar a 2,5 médicos por mil habitantes até 2020, é preciso abrir 9 mil vagas, “o que é absolutamente impraticável, porque vaga em medicina tem que abrir com segurança, tem que ter qualidade”. “Não é só ter médico, mas ter bons médicos. Estamos lidando com as vidas das pessoas”, acrescentou.

Mercadante destacou que “cada aluno de medicina tem que ter cinco leitos do SUS [Sistema Único de Saúde] para a sua formação, tem que ter hospital [para residência médica], tem que ter laboratório, tem que ter uma equipe médica docente, tem que ter estrutura”.

Para aumentar o número de médicos formados, Aloizio Mercadante prevê a expansão em 12% do número de vagas nas faculdades de medicina das universidades federais; a criação de mais faculdades da rede pública estadual e da rede privada (com boa avaliação no Ministério da Educação), além da abertura de faculdades de hospitais de excelência, como o Sírio-Libanês e o Albert Einstein (São Paulo). “Estamos dialogando”, antecipou o ministro.

O governo também irá instalar faculdades de medicina em quatro instituições de ensino superior que serão abertas nos próximos anos: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará; Universidade Federal da Região do Cariri; Universidade Federal do Oeste da Bahia e Universidade Federal do Sul da Bahia.

A necessidade de novas faculdades de medicina é questionada, no entanto, dentro da própria comunidade médica. Conforme artigo postado no [site do Conselho Federal de Medicina](#) pelo cirurgião oncológico Alfredo Guarischi, membro da Câmara Técnica de Oncologia do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, “O Brasil só perde para a Índia no número de faculdades de medicina. Vencemos até os EUA”.

Para Guarischi, o Brasil é reconhecido pela qualidade dos serviços prestados em algumas áreas. “O nosso maior problema está na desigualdade de oferta de serviços, entre as regiões do país, em um mesmo estado, entre suas cidades ou mesmo em sua capital”.

Aloizio Mercadante disse que o Ministério da Saúde está discutindo uma política que permita a melhor distribuição dos médicos, assim como estimule os profissionais a irem para regiões mais carentes. “Há um problema de fixação e um problema de oferta, esse segundo é problema do MEC”, disse.

Mercadante falou à **Agência Brasil** após o programa Bom Dia, Ministro, produzido pela **EBC Serviços** e pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República. Durante o programa, Mercadante informou que todos os municípios ganharão reajuste de 66,7% para a compra da merenda escolar; e que os prefeitos receberão antecipadamente os recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) para a manutenção de creches. O governo federal também estuda a possibilidade de utilizar material pré-moldado para acelerar a construção dessas unidades.

Fonte: Agência Brasil